



O ARTISTA NA COLEIRA DO CARTAZ ESCOLAR.

THE ARTIST ON THE COLLAR OF THE SCHOOL POSTER.

Matheus Vieira Marques¹
Universidade Federal Do Rio Grande - FURG
Associado/a/e ANPAP: **Não**

Felipe Bernardes \Caldas²
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UFRGS.
Associado/a/e ANPAP: **Sim**

RESUMO

O presente artigo discute o papel do artista-professor-pesquisador como agente de crítica institucional no ambiente escolar (Escola Municipal Professora Wanda Rocha Martins), tendo a transgressão como fundamento pedagógico, conforme proposto por bell hooks. A partir de experiências no PIBID e em estágio supervisionado, reflito sobre os limites da subversão na escola, abordando o estigma atribuído à docência em arte e a urgência de uma prática crítica. Utilizando o grafite e a pixação como linguagem de enfrentamento e criação, defende-se uma imaginação radical (Mesquita) em uma prática de crítica institucional capaz de tensionar a escola como aparelho ideológico.

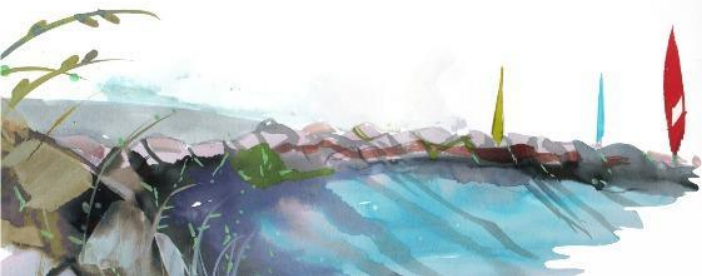
Palavras-Chave: Transgressão. Pixo/grafite. Crítica Institucional. Escola Municipal Wanda Rocha.

ABSTRACT

This article discusses the role of the artist-teacher-researcher as an agent of institutional criticism in the school environment (Wanda Rocha Municipal School), with transgression as a pedagogical foundation, as proposed by bell hooks. Based on experiences at PIBID and in a

¹Graduado em Artes Visuais - Licenciatura - FURG. criou o projeto "Ateliê de desenho: Viver através do olhar" oferecido e ministrado em associações de moradores. Foi bolsista do PIBID e Estagiário na Galeria Espaço Incomum. Desenvolveu seu olhar artístico no âmbito urbano, sendo o foco da sua produção a arte no cotidiano urbano e seus entornos. <http://lattes.cnpq.br/3856245488409378>

² Artista e Professor dos cursos de Artes Visuais (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (PPGAV-UFRGS). <http://lattes.cnpq.br/8829207712255367>



supervised internship, I reflect on the limits of subversion in schools, addressing the stigma attributed to art teaching and the urgency of a critical practice. Using graffiti and tagging as a language of confrontation and creation, I defend a radical imagination (Mesquita) in a practice of institutional criticism capable of putting pressure on the school as an ideological apparatus.

KEYWORDS: *Transgression. Pixo/graffiti. Institutional Criticism. Escola Municipal Wanda Rocha.*

Introdução:

Até onde pode ir um professor artista quando o mesmo acredita no papel pedagógico da transgressão como nos ensina bell hooks? Poderia um professor de arte ser um agente de crítica institucional dentro desta mesma estrutura institucional chamada de escola? Falamos de transgressão ou subversão? Qual o limite da transgressão/subversão no ambiente escolar por meio do ensino da arte? E como a relação entre o grafite/pixo podem ser promotoras desta reflexão?

Estes questionamentos guiaram a escrita de meu trabalho de conclusão de curso (licenciatura), na Universidade Federal do Rio Grande, orientado pelo professor Dr. Felipe Bernardes Caldas. Entendo a prática pedagógica como inerente a minha própria prática artística, assim, trabalho com o trinômio professor-artista-pesquisador, e neste sentido, irei explorar a relação arte e crítica institucional no ambiente escolar por meio da transgressão/subversão. Ou seja, o professor-artista-pesquisador é um agente de crítica institucional no ambiente escolar, não deseja o fim da instituição, mas atua radicalmente em sua transformação por meio de processos de negociação e tensões constantes. Deste modo, coloca-se em risco e simultaneamente encara a arte como conhecimento na medida que compreende-a como meio de transmutar a vida em sua dimensão cotidiana, suas práticas e entendimentos. Não trata-se de uma visão romântica e sim como Boris Groys nos ensina, objeto-paradoxo capaz de revelar as contradições do presente e com Adolfo Sanchez Vázquez, digo que esta é capaz de criar uma nova realidade, pois “arte só é conhecimento à medida que é criação.” (VAZQUEZ, 1978,p 36), ou seja, criação de uma nova realidade. Com Mark Fisher digo que a arte atua no real destas realidades como um ato de transgressão (hooks). Ao transgredir enquanto objeto-paradoxo que expõem os jogos contraditórios da



realidade torna-se a ferramenta capaz de alterar a própria realidade ou criar uma nova por meio de nos fazer imaginar outras possibilidades para a existência social, econômica, filosófica, ou individual enquanto simultaneamente é capaz de nos fazer compreendermos a nós próprios e nossos contextos.

Existe uma linha tênue entre transgressão e subversão e não consigo ter uma clareza do limite de um ou de outro, e neste sentido, aqui compreendo ambos conceitos como sinônimos que significam uma pulsão/potência de revolta/levante contra o que está estabelecido como norma em contextos de opressão. Me interessa compreender a arte como ato de transgressão/subversão que visa a criação de realidades menos opressoras. A arte é instrumento político.

O texto que segue parte de uma narração de minhas experiências docentes e se desdobra numa reflexão sobre as mesmas, desembocando num questionamento sobre os limites da transgressão no ambiente escolar e no compromisso pedagógico do artista-professor-pesquisador por meio da arte em sua dimensão crítica.

O Transgressor: O artista-professor-pesquisador no Wanda Rocha

Foi durante o período como do bolsista PIBID - Programa Institucional De Bolsa De Iniciação a Docência - que pude perceber um padrão de comportamento de escolas em relação a seus professores de arte. Os professores e professoras de artes no âmbito escolar são muitas vezes vistos como decoradores que tem sua função reservada em preparar festinhas em feriados comemorativos, fazendo cartazes, pintando objetos e colando coisas. Apesar de fazer uso de uma hipérbole para descrever a situação, percebo a existência de um estigma ao professor de artes na instituição escolar que prevê que em relação aos outros professores e disciplinas, as artes tem seu lugar enfeitando a escola, Através de relatos de outros colegas professores percebi entendimento por parte da escola de que o professor de artes é facilmente substituído, que as aulas de artes podem ser usadas em caso de atrasos na agenda de outras disciplinas ou pior, que os professores de artes em determinada escola nem são convocados para o conselho de classe.



Para FREIRE (1996) “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante. É formar para a autonomia, para a responsabilidade, para o julgamento crítico.” Ao falarmos na formação da autonomia e do julgamento crítico e relacionarmos com o campo da arte, onde, essencialmente há a vontade de discutir algo ou posicionar-se com a obra ou conceito, falamos na necessidade do ensino básico em desenvolver ainda que minimamente a noção crítica em cada aluno, a fim de que a arte possa ser entendida por sua função social, já que de acordo com CALDAS(2012) “ É sabido que uma vez que as obras de arte estão no mundo, ou seja, a disposição do outro, elas podem e são utilizadas a revelia da vontade ou da intenção do artista, de sua primeira concepção ou mesmo de suas ideologias particulares.”

Sendo assim, uma obra está a disposição para o mundo interpreta-la, mas é necessário desenvolver a noção crítica do indivíduo para que o mesmo possa exercer sua autonomia.

O Artista-professor-pesquisador enquanto crítico Institucional

3.Compreender o artista-professor-pesquisador enquanto um agente de crítica a instituição escolar é partir da consciência que este está embebido de uma imaginação radical, que para André Mesquita (2021) trata-se:

Basicamente, imaginação radical é a nossa capacidade prefigurar o mundo e suas instituições de maneira como eles deveriam ser e, com isso, provocar uma mudança no modo como a sociedade se reproduz, fortalecendo a capacidade de criar novas formas de solidariedade, de sociabilidade, de organização, e de lutas contra a opressão e a exploração. (MESQUITA, 2021, p. 36)

E a “mudança” desejada a partir desta imaginação radical parte de um ato de transgressão, ou seja, por meio de bell hooks

Essencialmente um movimento contra o status quo, uma forma de atravessar fronteiras impostas, especialmente em contextos de opressão. Na educação, pode ser o meio para libertar, para criar espaços de transformação e resistência” (hooks, 1994, p. 12)



A imaginação radical é em nossa perspectiva o elemento fundamental para compreensão da arte como transgressão/subversão e o seu papel político-educacional e o exercício crítico deste professor-artista-pesquisador na instituição escolar.

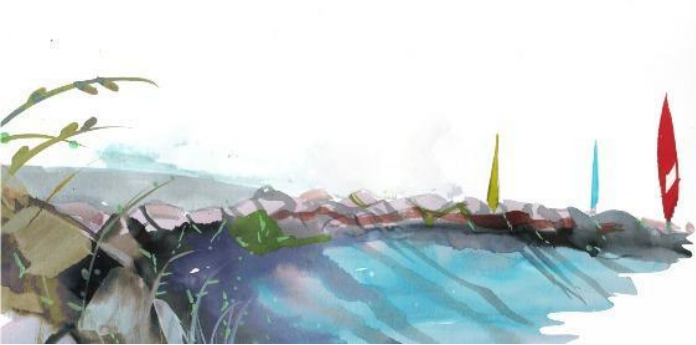
Sendo assim, no momento de realizar o estágio obrigatório na EMEF Professora Wanda Rocha Martins, localizada em Rio Grande - RS, trabalhei a relação entre grafite, pixo e transgressão com os estudantes dentro do contexto da arte urbana. Falar destes temas em um estágio “obrigatório” e dentro da sala de aula na escola, ou seja, nos moldes daquilo que Louis Althusser chamou de aparelho ideológico do estado, é assumir a contradição, ou aquilo que meu orientador chama de antinomia, duas sentenças racionalmente críveis e opostas convivendo, gerando a complexidade do tema ou fenômeno social. Aqui elas são: a escola nos aprisiona e limita nossas manifestações sendo o braço ideológico de dominação sobre classe trabalhadora. A escola é um lugar de libertação e manifestação de nossos anseios e aspirações. Ou seja, a antinomia está na relação entre a escola ser um lugar de aprisionamento e simultaneamente de libertação. É nesta dualidade, contradição ou antinomia que este relato se desenvolve.

É necessário ressaltar que na escola em questão, fui bem recepcionado pela equipe, pelos alunos e especialmente pela professora de artes, que me mostrou e disponibilizou todos materiais que solicitei, na medida do possível.

Como artista engajado com a arte urbana e estagiário, tive liberdade para criar meu conteúdo e ministrar minhas aulas sem problemas. A escola que atuei está particularmente acostumada com manifestações relacionadas ao grafite, contudo, como artista, senti que seria necessária uma intervenção artística que saísse aos modelos estabelecidos nesta escola, que aqui seria o grafite institucionalizado, pois se por um lado é positiva a postura escolar aderir ao grafite como meio de se comunicar com os alunos, por outro, ao institucionalizar esta abordagem, ela é replicada até que a mesma não seja tão eficaz, e pelos conceitos que regem este artigo e minha pesquisa, cabe ao professor de artes realizar tal intervenção.



No primeiro dia apresentei a proposta de falar sobre arte urbana, fui bem recebido e apenas poucos alunos demonstraram desinteresse no assunto. Nos primeiros slides onde abordei algumas questões sobre grafite tudo estava bem, porém quando começamos a discutir pichação, fui arrebatado por 2 sonoros “ Ah isso daí é coisa de vagabundo né ” e “ Claro que não é arte, é feio ”, mesmo que boa parte da turma não tivesse certeza sobre os dizeres dos colegas, ficaram em dúvida quanto as reais dimensões de discussão que eu queria levantar, então logo começamos um debate que se emaranhava entre permissão, diferenças entre grafite e pichação, escolhas, estética, lei e direito a expressão. Para problematizar a questão “grafite x pichação” expus o caso ocorrido com Filipe Harp, artista Porto-alegrense que em decorrência dos eventos climáticos em conjunto com a má gestão da capital, faz um grafite em praça pública representando o prefeito da cidade soterrado até parte de seu rosto em meio a enchente e a lama, arte que infelizmente representou os últimos momentos de muitas pessoas que foram atingidas pelas enchentes sem precedentes no Rio Grande Do Sul naquele momento. Em decorrência do grafite, Harp passou por processos perante a justiça e teve sua arte apagada pela prefeitura, além de mais duas pichações que condenavam a gestão do prefeito Sebastião Melo terem sido feitas no mesmo lugar, por outra pessoa, uma em questão falava diretamente com melo, com a escrita “Melo chinelão” que logo foi novamente apagada, sendo seguida por uma



nova pichação, registrada na Figura 1 (abaixo).



Figura 1. - Grafite de Filipe Harp. Fonte:pinterest.

Exemplificar de forma prática para meus alunos que grafite e pichação são parte do mesmo todo - sendo a principal diferença entre as práticas a noção de forma e não a permissão do ato - fez com que diversos dilemas surgissem, pois se por um lado haviam durante parte da sua vida entendido que grafite era arte, permitido e até bonito, por outro, agora viam que grafite pode ser pichação em determinados contextos e que o dilema moral sobre a permissão perpassa camadas mais complexas de pensamento, a respeito do direito à livre expressão.

Quando chegamos na vertente TAG, boa parte dos alunos do 8° ano disseram que já possuíam uma, e quando questionados sobre o por que, não souberam responder; então através de uma série de tensionamentos eu lhes perguntei onde já haviam deixado sua tag, a maioria disse que na rua, outros na escola, outros em casa, porém nenhum deles fez quaisquer relações com o assunto anterior, a pichação; então outro questionamento os fez paralisar: Se vocês todos que disseram que fizeram suas tags por aí não tinham autorização, logo, estão sendo pichadores ? Segui com mais perguntas: Sendo assim, devem ser punidos ? E artistas, são artistas ? Além do mais,



por que o fizeram ? E, novamente pensamos juntos o fazer artístico, desenvolvemos pensamento crítico relacionado a lugar de arte, lugar de fala e modos de expressão.

Ao longo de todas as aulas desenvolvidas, sendo esta a primeira de 5, debatemos principalmente sobre tag e grafite, os debates foram emergindo ao longo das semanas ao passo em que meus alunos passaram a observar a rua de forma mais consciente, problematizaram alguns eventos que viram e trouxeram durante a aula, como por exemplo duas pichações feitas na parede em frente ao portão da escola, nelas são escritas ‘ vagabunda’ e “piranha”; que nos levou a uma conversa sobre o direcionamento da potência artística, pois se por um lado a maioria dos alunos havia se incomodado com o fato de uma colega estar sendo ofendida em um muro próximo a escola, por outro, quase por unanimidade meus alunos estavam em conformidade com a pichação “melo chinelão’ que havíamos discutido na aula anterior.



Figura 2. - Esquina da escola. fonte: Arquivo Pessoal.

Isso nos fez chegar no debate da transgressão como forma de expressão legítima e um potente meio de reivindicação, porque se por um lado uma manifestação ofensiva e aparentemente sem alvo definido estava incomodando eles, por outro, uma denunciava a negligência de um servidor público, os fazia pensar, reconsiderar e



encontrar na pichação uma forma de serem reconhecidos, e se posicionar criticamente.

Ancorado em Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia e sua ideia de que " Ensinar exige coragem para assumir os riscos, rejeitar a discriminação e abrir-se ao novo. Ensinar é, portanto, um ato de transgressão das práticas conservadoras que negam a liberdade" (FREIRE, 1996, p. 19).

Passei a questionar os alunos sobre suas próprias transgressões a fim de que puséssemos a ideia de legalidade em outra camada de discussão, já que antes mesmo de falar sobre tag, grafite ou pichação, pude observar em diversos locais da escola a manifestação transgressora por meio de tags, assinaturas e frases, em destaque para a parada de ônibus localizada no lado de fora da escola, porém ponto de embarque e desembarque de alunos de todos os turnos escolares.



Figura 3. - Parada. Fonte: Arquivo Pessoal.

Os atos transgressores que parte dos alunos, ainda que normalmente não carregue em si práticas de origem da pichação e do grafite, estão pela escola em algum momento, a exemplo: em 2023 foi realizado um mural com stencil onde alunos do oitavo ano deixavam suas reivindicações para com a sociedade. A atividade que a



princípio deveria ser feita com 8° e 9° ano foi realizada apenas pelos oitavos anos, cobriram uma parede de cerca de 5 metros com suas escritas, porém, pouco tempo depois, alunos do 9° ano realizaram sua intervenção, assinaram a obra que não foi de sua autoria, enquanto os alunos do 8° ano não assinaram seu mural de stencils, os alunos do 9° ano, sim. Isso foi uma forma de protesto a professora que não realizou a atividade com eles - ressalvo que a não realização da atividade com as duas turmas, certamente provém de motivos plausíveis - e como forma de reivindicação do trabalho que deveria também ser deles de acordo com o planejamento anterior.



Figura 4. - transgressão no mural escolar. fonte: Arquivo Pessoal.

Ao fazer uma relação com a passagem de Freire no livro Educação Como Prática De Liberdade, este diz que "a educação libertadora não pode ser neutra, pois seu compromisso é com a transgressão de todas as formas de opressão" (FREIRE, 1967, p. 45) e as situações específicas da Escola Professora Wanda Rocha, entendemos como prática libertadora os atos dos alunos do 9° ano que se sentiram prejudicados ao não ter a oportunidade de realizar um projeto que gostariam, neste caso, ainda que não seja correto para este contexto, pois a professora em questão é uma boa professora nos sentidos aqui abordados, reitero, a estabelecimento apenas para fins de exemplificação e relação que, dado o contexto, para os alunos, a opressão partia da



professora que não havia dado continuidade com o projeto; o ato da transgressão como prática pedagógica ou de aprendizagem partiu neste caso como uma resposta a um conjunto de situações, assim, a atitude transgressora ganha camadas de reflexão mesmo nas situações onde o ato não aparenta ter uma causa clara para ser considerada uma resposta.

Uma manifestação que pelo caráter sistemático da instituição escolar demonstra como a transgressão é um meio de expressão, e que em contrapartida, costuma ser respondida de modo a oprimir quem a utiliza; se o(a) educador se posicionar ordenando que os alunos o obedçam, não estará os ouvindo, mas sim apenas depositando neles todas as frustrações em decorrência das errôneas expectativas construídas a respeito do conteúdo e da aula, além de demonstrar a conduta ditadora a que muitos professores se apoiam sem realmente perceber que estão lidando com crianças que não tem completo controle sobre suas emoções ou as estão desenvolvendo. Transgredir não é uma opção, é o chamado mais natural do descontentamento em nosso âmago.

Constantemente, enquanto no ambiente escolar, questioneei a mim mesmo o meu papel como artista dentro a instituição escola; entendendo o conceito de instituição de acordo com Durkheim:

Uma instituição pode ser definida como todas as crenças e todos os modos de conduta instituídos pelo grupo; trata-se de maneiras de agir, pensar e sentir que apresentam uma certa permanência e que exercem uma coerção sobre os indivíduos. (DURKHEIM, 2008, p. 47)

Esta instituição escola compõem aquilo que Louis Althusser chamou de Aparelho Ideológico do Estado a serviço do capital, ou seja, da dominação da burguesia sobre nossas subjetividades, impõem um conjunto de normas, limitações, bases curriculares rígidas mesmo frente a discursos de libertação, transversalidade, que muitas vezes em termos pragmáticos e cotidianos por inúmeros motivos que escapam desta reflexão, continuam a reproduzir um ensino embasado na domesticação do ser, do pensar, do viver, a favor dos interesses alheios a emancipação. A escola e os professores estão revestidos de Piaget, Paulo Freire, Vigotsky, entre tantos



educadores, mas como comenta o professor Felipe Caldas em um de seus textos ao retratar a realidade docente na universidade, é da “boca pra fora”, seria do campo da aparência sobretudo. Assim, ao compreender este espaço institucional e ter estudado os desdobramentos das artes visuais nas sociedades nos últimos 4 anos, além da natureza de minha personalidade e as noções que me compõem, parece-me natural ao artista-educador-pesquisador questionar os modos de fazer e entender arte dentro da escola.

Dado o conjunto de questões levantadas compõe-se enquanto um cenário onde a instituição escolar a partir da realidade vivenciada entra não como ambiente emancipador, mas sim como reforço aos estigmas criados pela divisão de classe, e meio de manutenção do status quo, sobretudo ao que tange a compreensão da arte como ferramenta decorativa, e qualquer coisa que faça os estudantes refletirem além da obviedade e dos valores consensuais, passa a ser um ato transgressivo. A escola está embebida de dogmas, sobre o que cada área do conhecimento é ou deve ser, e qual o seu papel, o que se prevê para a arte pouco tem haver com arte na contemporaneidade.

Pensar a escola como uma instituição nos permite relacioná-la diretamente aos sistemas de circulação da arte, remontando as discussões ainda hoje relevantes acerca de crítica institucional que permeavam as galerias, museus e instituições na segunda metade do século XX, sobretudo com o advento das chamadas novas vanguardas. Estas vanguardas tensionavam os meios de como arte era transmitida, ainda debruçados no conceito moderno de “Cubo Branco”, onde o objeto artístico é entendido como objeto de contemplação separado de seu contexto social. A arte na modernidade passou a ser entendida como objeto autônomo, que deve ser observada em uma ambiente neutro, o museu e seu cubo branco. Para Tony Godfrey:

"O cubo branco apresenta a arte como um objeto autônomo, separado de qualquer conexão com o mundo cotidiano. Essa suposta neutralidade, entretanto, não é neutra; é uma escolha culturalmente carregada."(Godfrey, Tony. *Conceptual Art*. London: Phaidon Press, 1998, p. 87.).



Desta relação emerge a crítica institucional entrelaçada com as novas vanguardas a partir da segunda metade dos anos 1950 em diante. A crítica institucional nas palavras de Fernanda Albuquerque (2015)

Tratava-se de reconceitualizar não só o modelo "cubo branco", mas a instituição e suas tradicionais funções, de modo mais amplo, entendendo-a não apenas como espaço de conservação, exibição, mediação, participar, sobretudo por meio da observação e da contemplação, mas como espaço de ação, em que os diferentes públicos eram chamados a debate, participação e transformação. (ALBUQUERQUE, 2015, p.63)

Embebido da crítica institucional e as mudanças que a contemporaneidade demonstraram na arte, o artista passa então a ter seu papel de forma mais ativa nos processos de criação do objeto artístico, numa consciência política do fazer, que passaria a ser o centro do fazer artístico, e não somente o resultado do fazer - objeto - o artista assumiria novo papel, o de agente político e consciente do contexto que se insere, cuja sua manifestação artística seria simultaneamente uma manifestação política.

Assim sendo, se o artista tem seu espaço modificado em relação ao sistema de arte, e a instituição escolar se distancia devido ao apagamento do professor de artes como um mediador legítimo de uma área de conhecimento tão importante quanto as outras, que engloba e influencia grande parte das relações do sujeito com o mundo, o ensino se volta ao objeto, ou seja, a prática pela prática, ao uso da pintura, do desenho, escultura, vídeo, foto e até mesmo do grafite como meras ações, desqualificando a arte de sua dimensão política, a arte é reduzida ao ato de pintar, não ao seu possível propósito, é um cubo branco em plena escola.

Em certa entrevista, o professor Dr. Felipe Caldas levanta a seguinte reflexão ao entrevistador: A arte é uma ferramenta capaz de atingir a todos, no entanto, ela não é empunhada por qualquer um; ela pode ser usada para emancipação humana, ou para subordinação.



No exercício docente o professor de arte é incumbido desta tarefa, da subversão/transgressão de um conjunto de ações que compõem o ambiente escolar como um lugar de formação, que enquanto prioriza processos de educação bancária, limita não só professor, mas também aluno ao não encarar como ato político e cultural o ensino da arte; fortalecendo a dicotomia entre professor de arte e artista; professor de arte e instituição. Dicotomia que é fortalecida quando o professor de artes apenas apresenta o conteúdo como este estivesse isento do cotidiano, em um cubo branco, onde o conteúdo é apenas apreciado, jamais refletido. O professor artista acaba por se afogar em sua própria posição, demonstra diversas técnicas, porém, incapacitado pela rigidez da instituição, não se coloca como artista ativista, como potência artística; não se justifica em seu próprio trabalho, ficando assim, preso pela coleira do cartaz escolar. Novamente faço uso de uma hipérbole, pois existem exceções assim como em toda regra.

A escola não é o que ela diz ser, os professores em suas práticas não estão embebidos efetivamente dos pedagogos e metodologias que leram ou citam, é quase sempre da “boca pra fora”. A arte e ação do professor-artista-pesquisador entende seu fazer como um objeto-paradoxo capaz de trazer o real das realidades, em outras palavras, evidenciar a contradição entre discurso e prática, entre emancipação e dominação e assim por diante e deste modo assim exercer a crítica institucional no ambiente escolar através de uma imaginação radical que instiga a transgressão.

Ainda Assim Artista: Considerações Finais

Qual o limite da transgressão/subversão no ambiente escolar? O professor-artista-pesquisador como agente da crítica institucional assume papéis muitas vezes complexos que necessitam considerar: como quais regras institucionais podem ser subvertidas e quais não podem e por quê, quais as implicações legais de seus atos e quais as legislações vigentes que orientam sua prática pedagógica. Qual o limite ético e moral de suas proposições? Ainda ter clareza que transgredir/subverter o coloca em risco de demissão ou exoneração, e em confronto com seus colegas e mesmo com pais e mães, ou seja, com a comunidade escolar.



Fatores estes que podem levar o professor que não tem ou não vê outra saída a assumir uma postura menos engajada como a transformação da visão acerca de arte na escola e as potencialidades individuais dos alunos como pessoas críticas, de acordo com CALDAS (2019) novamente em seu texto “Da boca pra fora”:

Toda tentativa de mudar, pensar diferente e rever estruturas de poder, protocolos de trabalho e meios nos colocam em risco, em choque com diversas instâncias – às vezes com os próprios colegas. Nos fazem beirar abismos em que se adequar a estrutura, em vez de transmutá-la, é mais seguro, menos arriscado. (CALDAS, 2019)

Assim, o ato de transgressão no âmbito escolar necessita ser uma ação consciente e fruto de uma imaginação radical disposta a arcar com as mais variadas consequências. A arte enquanto exercício de liberdade crítica nos convoca a um processo de responsabilização e autocrítica, e em alguns casos, de sacrifício. O quanto estamos dispostos em nome de nossas crenças de emancipação, educação e arte a sangrar pela coletividade? O pixo/grafite em ato transgressivo emergiu neste cenário como a manifestação capaz de escancarar a contradição dos discursos escolares e da própria comunidade em volta da arte e suas crenças, mas igualmente, de gerar uma nova realidade no âmbito escolar embasada no pensamento crítico que não naturaliza nenhuma regra, imagem ou discurso de antemão.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CALDAS, Felipe. Da boca pra fora. Art Contexto. Disponível em: <https://artcontexto.com.br/portfolio/da-boca-pra-fora-felipe-caldas/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. Petrópolis: Vozes, 2008.

FISHER, Mark. Realismo capitalista. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 45. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

GODFREY, Tony. Conceptual art. London: Phaidon Press, 1998.

GROYS, Boris. Arte e poder. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

MARQUES, Matheus. O grafite como dispositivo da arte-educação através da transgressão. Rio Grande: FURG, 2024.

MESQUITA, André. Imaginação radical? Ativismo artístico em uma era de crise. 2012.

ROLLIG, Stella. Contemporary art_practices and the museum: to be reconciled at all? In: TOWNSEND, Melanie (ed.). Beyond the box: diverging curatorial practices. Toronto: Banff Centre Press, 2003.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. As ideias estéticas de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978